

Linguística aplicada e seus desafios na contemporaneidade: Entrevista com o Professor Dr. Edmilson Luiz Rafael¹



“Defendo a centralidade do ensino na formação acadêmica na licenciatura, mas isso é difícil de implementar, a academia tende a colocar a língua e a literatura como centrais, deixando o ensino como algo periférico”.

A Linguística Aplicada (doravante, LA) ainda é um mistério nas licenciaturas em Letras, no tocante a temas que envolvem ensino e formação docente. Embora, esteja contemplada no currículo, no âmbito do curso de Letras – Português, campus sede da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), não tem sido oferecida sistematicamente nos últimos períodos. Na tentativa de fomentar reflexões caras ao profissional em formação, ofertamos a disciplina optativa *Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa* no semestre 2024.1.

1. Entrevista produzida pela professora Dra. Williany Miranda da Silva, docente permanente do PPGLE/UFCG e pelo professor estagiário Me. João Vitor Bezerra Laurentino, doutorando do PPGLE/UFCG.

Durante esse período letivo, apresentamos a área por meio de distintas atividades aos professores em formação inicial, a fim de fazer valer o compromisso por uma intervenção curricular na licenciatura (Rafael; Silva, 2024). Destacamos contribuições da LA não somente para constituir e consolidar práticas de linguagem na educação formal, mas também para estruturar o próprio processo formativo ao qual se submete nosso público. No bojo de nossas reflexões, realizamos, em parceria com nossos alunos, uma entrevista com o docente Dr. Edmilson Luiz Rafael, cuja carreira consolidada na graduação e na pós-graduação posiciona-o entre os nomes mais representativos em LA na Região Nordeste.

O professor Dr. Edmilson Luiz Rafael licenciou-se em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1989. Tornou-se Mestre em Letras pela UFPB em 1993 e Doutor em LA pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2001, defendendo tese que tematizou, dentre outros aspectos, a transposição didática de conhecimentos linguísticos. Atualmente, é Professor Titular de Língua Portuguesa e Linguística na UFCG e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). O professor tem vasta experiência nas áreas de LA e Linguística, com ênfase no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na Educação Básica. Seus principais objetos de estudo são a prática escolar de ensino de língua e a formação de professores.

A entrevista a seguir apresenta dois grandes temas, a partir dos quais nossos alunos² produziram nove perguntas sob nossa orientação, que dialogam tanto com as teorias de base da LA, quanto com o interesse, com a curiosidade de cada um em particular. O primeiro tema é “for-

2. Foram responsáveis pela elaboração das perguntas e edição das respostas: Cleolene da Cruz Santos, Davi Ferreira Brito de Oliveira, Iasmim da Silva Albuquerque, Jaíne Gomes dos Santos, João Marcos de Sousa Rodrigues e Maria Aparecida Galdino Dias.

mação pessoal”, por meio do qual o docente entrevistado revisita momentos importantes de sua formação como professor e pesquisador. O segundo é “atuação profissional”, no qual comenta sobre o trabalho desempenhado por ele na graduação em Letras da UAL e no mestrado e doutorado do PPGLE/UFCG. É próprio da LA que se realize uma mistura coesa de temas, por isso, ao longo da entrevista, não os encontramos estanques, mas os confrontamos em sinergia, revelando a complexidade que engendram na constituição do sujeito professor.

João Marcos: Em 1993, o senhor defendeu sua dissertação de Mestrado num Programa em Letras pela UFPB. Posteriormente, em 2001, defendeu sua tese de doutorado em LA na UNICAMP. Como foi o processo de mudança de uma instituição situada no estado da Paraíba para outra, em São Paulo, onde atuam grandes nomes como sua orientadora, Inês Signorini?

Edmilson Luiz Rafael: Havia cursos de doutorado em Linguística em Pernambuco e no Ceará, mas eu queria estudar algo mais focado e distinto. Ainda não tinha certeza se seria LA, mas algo relacionado ao ensino e à profissão de professor, por isso, não optei por programas mais próximos. Como já tinha participado de congressos no Sudeste, decidi partir para essa região. Recebi aprovação em duas universidades de São Paulo e escolhi a UNICAMP. Pessoalmente, foi muito difícil, pois, apesar de estar no mesmo país, a realidade era completamente diferente, como estar em um mundo estrangeiro. A recepção e a adaptação foram desafiadoras. Naquela época, as instituições eram muito locais, com pouco intercâmbio e diálogo, havia a percepção de que um estudante do Nordeste não estava apto para um centro de ciência. Além disso, havia pressão para que eu investisse em campos que não

me interessavam, como estudos da interação e ensino de leitura na Educação Básica. Minha preocupação era o uso do conhecimento adquirido na graduação e como ele se reconstrói na prática profissional.

Jaíne: Dentre a diversidade de estudos sobre linguagem, com muitos objetos de pesquisa e diferentes metodologias, o que fez despertar seu interesse pela LA e manter-se nela até hoje?

Edmilson Luiz Rafael: Meu interesse começou durante a graduação, com Maria Augusta Reinaldo, que foi minha professora de Prática de Ensino, em 1987. Ela sempre demonstrou grande preocupação com o ensino e com a escola, influenciando-me bastante. Embora eu não tenha produzido a monografia de graduação sob sua orientação, escrevi um relatório para a disciplina que hoje corresponde à Estágio Supervisionado, na grade curricular da UFCG. Esse trabalho me levou a desenvolver um projeto para o mestrado sobre redação escolar, dando continuidade ao estudo sobre ensino. Nessa época, estávamos passando de um paradigma focado na frase para um que valorizava o texto como objeto de estudo e de ensino nas escolas, o que marcou profundamente minha formação. Entre 1993 e 1996, já como professor da UFCG, comecei a trabalhar com cursos de especialização para professores. Essa experiência reforçou ainda mais minha certeza de que desejava continuar trabalhando com ensino, especialmente com docentes da escola pública. Esse vínculo foi fundamental para a consolidação de um projeto na área, que me levou ao doutorado. Houve certa resistência, pois muitos não acreditavam na relevância do meu objeto de estudo em oposição a temas como letramento, que estavam em voga na época. No entanto, sempre insisti na importância do conhecimento linguístico e da relação entre a Linguística e o ensino de

língua. Mais tarde, essa visão foi corroborada por Angela Kleiman, que destacou a importância de cuidar do conhecimento do professor.

Jaíne: Em sua tese, o senhor explora a construção e a adaptação de teorias linguísticas na prática pedagógica, com foco na transposição didática. Sabe-se que, no geral, quando se desenvolve uma investigação como essa, os resultados obtidos influenciam o pesquisador de diferentes maneiras. Como isso impactou na sua formação docente e na sua atuação em sala de aula?

Edmilson Luiz Rafael: A minha formação como docente foi profundamente impactada pela minha pesquisa de tese. Com o passar dos anos, compreendi ainda mais a importância de saber exatamente o que estamos ensinando e o lugar de cada conhecimento dentro de uma disciplina. Hoje, tenho o cuidado de comunicar aos meus alunos que o conhecimento que compartilhamos em sala é apenas uma parte do todo. Conhecer conceitos como “signo” é importante, mas não resolve os desafios da vida ou da sala de aula. Ter esse conhecimento dá segurança, mas não devemos criar a ilusão de que o professor possui todas as respostas ou que os alunos vão absorver todo o conhecimento prontamente. A formação de professores precisa diversificar as formas como o conhecimento é mobilizado. Ao desenvolver minha tese, vivi situações práticas de produção de conhecimento, que vão além das aulas tradicionais. Essa prática foi crucial, mas também evidenciou a instabilidade nas escolas durante os estágios. Em minha pesquisa, percebi que o ambiente escolar é rico em conhecimentos e experiências, permitindo a integração entre gramática, Linguística, literatura, semiótica, e muito mais, de uma forma prática e aplicada. Como formador, sempre tentei diversificar as atividades que ofereço

aos meus alunos, mesmo que institucionalmente pouca coisa tenha mudado; pois, infelizmente, o projeto pedagógico que seguimos ainda está muito atrasado. Já houve algumas melhorias, como a introdução da prática obrigatória para o estágio, mas a prática ainda é vista de forma tradicional. Defendo a centralidade do ensino na formação acadêmica na licenciatura, mas isso é difícil de implementar, a academia tende a colocar a língua e a literatura como centrais, deixando o ensino como algo periférico, como se fosse um complemento. O que ouvimos é: ‘primeiro, cuidamos da língua e da literatura; depois, você aprende a ensinar, ensinando’. Precisamos mudar esse paradigma, reconhecendo que ensinar vai muito além do conhecimento técnico.

Maria Aparecida: Apesar de sua tese ter sido defendida há mais de duas décadas, seu trabalho de doutoramento tem sido citado por outros pesquisadores, influenciando investigações em LA no tocante à transposição didática. Como o senhor avalia a percepção desse conceito nesses estudos?

Edmilson Luiz Rafael: O conceito de transposição didática é fundamental e, na minha pesquisa, baseei-me na teoria de Yves Chevallard, que examina como o conhecimento científico é transformado para fins educativos. Essa teoria destaca as diferenças entre o saber científico original e o que é ensinado em sala de aula. Também é importante mencionar a contribuição de François Verret, que ajudou a fundamentar essa discussão. Embora o conceito seja produtivo, é essencial aplicá-lo corretamente, mantendo o foco na relação entre conhecimento científico e sua transposição para o ensino. Todo conhecimento didático deve ter uma base científica, pois a transposição é a passagem da ciência para a prática pedagógica. No nosso caso, professores de Letras,

isso inclui não apenas a ciência, mas também o conhecimento que vem da tradição gramatical, formando um conhecimento científico sobre linguagem, que se desenvolve desde a Antiguidade até hoje. Portanto, se mantivermos esse foco na relação entre o conhecimento científico e sua aplicação didática, o conceito continua válido e relevante.

Maria Aparecida: Após a defesa da sua tese em um programa de LA em São Paulo, o senhor voltou para a UFPB, hoje UFCG. Esse retorno à nossa instituição recebeu influência de seu convívio com nomes representativos da disciplina?

Edmilson Luiz Rafael: Sim, muito. A minha experiência ao retornar foi marcada por muitos desafios e aprendizados. A exemplo dos desafios - a adaptação à vida em São Paulo não foi fácil, embora eu já tivesse visitado o Sudeste em ocasiões anteriores, morar lá, lidar com o dia a dia, com os preconceitos relacionados à minha origem nordestina, por exemplo, estudar com catarinenses que me olhavam com desprezo, foi uma experiência difícil, cheguei a ouvir de um professor que “o Nordeste não precisa de doutor” - isso foi doloroso, pois eu estava lá em um curso de doutorado, me senti desrespeitado, mas decidi não deixar que essas situações me abalassem, pois, meu foco era estudar, absorver o máximo de conhecimento e, eventualmente, retornar para minha terra e contribuir da melhor forma possível. Já os aprendizados foram muitos. A convivência com professores renomados, como Marilda Cavalcanti, com quem explorei a educação bilíngue, e Angela Kleiman, com quem aprendi muito sobre interação em sala de aula; o contato com pesquisadores internacionais de outras universidades, que eram convidados para encontros, seminários e grupos de estudo, com vistas a enriquecer nossas discussões; e, por fim, a oportunidade

de participar da organização de dois ou três congressos, trabalhando diretamente com as professoras Inês Signorini e Angela Kleiman. Ao retornar para o ensino em Campina Grande, consegui implementar práticas colaborativas que observei na UNICAMP, como integrar alunos de graduação, pós-graduação e o corpo docente, a exemplo das professoras efetivas da UAL/UFCG, Denise Lino de Araújo e Williany Miranda da Silva, com quem desenvolvo pesquisas até hoje.

Cleolene: O senhor está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino desde sua origem, por volta de 20 anos atrás. Poderia nos explicar sobre os interesses de pesquisa que estão atualmente sobre sua orientação na Linha 3- Ensino de Línguas e Formação Docente?

Edmilson Luiz Rafael: Meus interesses se mantiveram na linha de Ensino de Línguas e Formação de Professores, sempre com um foco maior na relação entre o conhecimento e ensino de língua e a formação docente. Embora eu atue na unidade acadêmica como professor do curso de Letras na graduação, minha atuação na pós-graduação não se limita ao ensino de Português ou à formação de professores de Português. A pós-graduação tem uma abordagem mais ampla e teórica, tratando de questões maiores que não se restringem a uma única língua. Minha formação como pesquisador me permite lidar com isso de forma mais abrangente, independentemente do objeto de estudo, seja ele Língua Materna ou Estrangeira, História ou até mesmo áreas como Matemática e Física. Dessa forma, nunca fiz restrições quanto ao objeto de ensino ou formação. Tenho orientandos que trabalham com Língua Inglesa, já tive experiências com temas diversos, como um trabalho desafiador sobre leitura de mangá. A LA me ajudou a enfren-

tar desafios dessa natureza, mesmo não sendo especialista em artes ou desenho, pois posso contribuir com a formação teórica e metodológica necessária para que o aluno, que está pesquisando na área, desenvolva sua investigação com autonomia.

Iasmim: Considerando o desenvolvimento tecnológico, como a Inteligência Artificial pode impactar positiva ou negativamente o campo da pesquisa em LA nos próximos anos?

Edmilson Luiz Rafael: A presença da tecnologia, como a inteligência artificial, é inevitável aos interesses da LA. Assim como outros avanços que surgiram no passado, essa ciência já deu conta de explicar o funcionamento da linguagem e seu impacto diante de outros artefatos tecnológicos. Desde a invenção da escrita, passando pela escrita digital, ela tem acompanhado essas mudanças. Com novas ferramentas, o desafio continua, a questão principal é entender como essas novas tecnologias, ligadas à linguagem, vão impactar a pesquisa e a sociedade. A LA tem muito a contribuir nesse campo, ajudando a entender questões como: Quem está produzindo essas tecnologias? Com quais interesses? Para quem elas são feitas? Como elas funcionam? Ferramentas como o ChatGPT não devem ser rejeitadas ou criticadas de imediato, mas sim compreendidas. O papel do pesquisador é entender a fundo essas inovações e como elas podem ser usadas de maneira benéfica. Faço até uma comparação com o uso do telefone no passado. Antigamente, eu poderia causar um grande impacto emocional em alguém simplesmente ligando para dar uma notícia falsa, o que hoje chamamos de *fake News*. O objetivo da LA é mostrar a construção das práticas de linguagem e os seus efeitos, especialmente quando mediadas por artefatos tecnológicos que nós mesmos criamos, ajudando a compreender como exercem seu po-

der de linguagem e como nós, enquanto sociedade, podemos lidar com eles de maneira crítica e informada.

Davi: Muito tem sido publicado em LA no país, seja por grandes editoras, seja por periódicos especializados. Como o senhor analisa essas publicações?

Edmilson Luiz Rafael: Nas últimas décadas, houve uma grande pressão por publicações em LA, que fez surgir uma grande divulgação de obras por parte de algumas editoras com certo poder de circulação. A avaliação de livros aponta para o problema da designação sobre o que é LA. Em alguns lugares, o termo é apenas uma nomenclatura institucional por uma exigência normativa, ou porque as agências de fomento destinaram alguma verba para esse fim. Tal realidade também pôde ser observada em relação às diretrizes para a reformulação dos cursos de Letras, com as reformas dos programas de pós-graduação no início dos anos 2000. Desde então, muitos programas começaram a colocar ensino como área, de modo que é possível encontrar, por exemplo, semântica e ensino conciliados. É esse paradigma que tem predominado no Brasil ultimamente. Nesse contexto, surge uma gama de publicações que, apesar de receberem o nome, não possuem nenhuma relação com LA. Caso um sujeito analise um artigo de opinião, sem tratar de problemas de leitura, de produção, de avaliação ou de ensino, seu estudo seria, no máximo, Linguística de Texto. O problema resulta não apenas na qualidade do que se produz, mas também no equívoco sobre o que seja uma pesquisa em LA. Nesse sentido, os alunos que estão se formando em Letras precisam ter essa informação, porque podem ser divulgadores em potencial dessas produções confusas. Creio que, justamente, esse é um problema que a própria LA precisa resol-

ver, inclusive deixando de ser optativa em cursos de graduação. E, ainda, recebendo até outra denominação, como Estudo da Linguagem, porque, na verdade, é o que a LA é.

Iasmim: Para finalizar, que conselho o senhor daria para estudantes que estão começando a se interessar por LA?

Edmilson Luiz Rafael: Quando penso em dar um conselho sobre LA, eu começaria com uma reflexão importante: não basta apenas saber o conceito do ponto de vista teórico, é preciso adotar um olhar mais cuidadoso e crítico, refletindo sobre o que *não* é LA. Acredito que o primeiro passo é ter atenção ao que se está categorizando no campo, observando cuidadosamente tudo o que é dito a respeito dele. Além disso, a formação do pesquisador deve sempre partir da prática, do vivido, da experiência concreta para a reflexão teórica, e não o contrário. Não pode ser guiada apenas pelos desejos, sonhos ou crenças pessoais, mesmo que influenciem o pensamento do pesquisador e as escolhas metodológicas. Contudo, é essencial manter o foco na realidade observada, sempre trazendo as questões de “lá” (a prática, a realidade) para “cá” (a teoria). Eu encorajo quem está começando a pesquisa a ter uma postura investigativa, como a de um jornalista, que vai em busca do que ainda não se sabe. Esse movimento de ir atrás do desconhecido é extremamente rico e tem o potencial de desconstruir muitos estereótipos e crenças, incluindo a visão tradicional de erudição. Na LA, é preciso estar aberto ao diálogo com a prática social. Portanto, mantenha-se sempre atento às questões sociais e políticas que estão envolvidas na pesquisa. Não se satisfaça com respostas prontas, nem com as aparências. O desenvolvimento de um olhar político é crucial para entender o porquê das coisas. Por que fazemos isso? Para quem

estamos fazendo? Esse tipo de questionamento é essencial, principalmente para quem está se formando como professor ou se profissionalizando na área.

Referência

RAFAEL, E. L.; SILVA, W. M. Ensino de língua, de gramática ou de análise linguística? In: SILVA, W. R. *Reflexões sobre língua(gem) em contextos de ensino*. Palmas: Editora Universitária – EdUFT, 2024. p. 252-285.

Recebido em: 29/05/2025

Aprovado em: 06/08/2025

Licenciado por

